

ENTRE A EFEMERIDADE E A IMPERMANÊNCIA: A CONFIGURAÇÃO DAS RELAÇÕES SEXUAIS EM “FACTÓTUM”, DE CHARLES BUKOWSKI*

Rian Lucas da Silva (IFPB)
Rafael Torres Correia Lima (IFPB)

Resumo: em contextos cada vez mais globalizados, observam-se as relações humanas cada vez mais demarcadas sob um estado de desânimo e despreocupação, revelando esferas de convívio progressivamente mais frágeis. Nesse cenário, o presente artigo objetiva analisar o modo como se configuram as relações sexuais dos personagens no romance “Factótum”, do escritor norte-americano Charles Bukowski, cujas obras apresentam sujeitos costumeiramente marginalizados, como prostitutas e bêbados. O referido romance narra, por intermédio de uma linguagem transgressora, informal e bastante ferina, a vida diária desses sujeitos frente às problemáticas encontradas no dia a dia. Para a realização da análise, utilizou-se, principalmente, dos pressupostos teóricos do sociólogo e filósofo contemporâneo Zygmunt Bauman, especialmente no que se refere aos estudos sobre a modernidade líquida, além das importantes contribuições de Débora Silva. Como resultado desse estudo, verificou-se que, na narrativa, a configuração das relações sexuais dos personagens se dá mediante momentos completamente efêmeros e transitórios, caracterizando, assim, relações amplamente líquidas às quais Bauman tanto se referia.

Palavras-chave: literatura norte-americana; Charles Bukowski; Factótum; relações sexuais; modernidade líquida.

1 Introdução

Henry Charles Bukowski Jr¹ nasceu em Andernach, na Alemanha, no dia 16 de agosto de 1920. Filho de um soldado norte-americano e de uma jovem alemã, Charles, aos três anos de idade, e seus pais fugiram para os Estados Unidos devido à crise instalada no país alemão após a Primeira Guerra Mundial. Aos quinze anos, ele começou a escrever suas primeiras poesias.

O ‘velho safado’, como era comumente chamado e conhecido pelos seus fãs e pelos colegas de trabalho do meio literário, cresceu sob uma conturbada relação com os pais, tornando-se alcoólatra ainda na adolescência. Faleceu em 1994, em São Pedro, na Califórnia, no dia 9 de março. Deixou uma vasta obra marcada não só pelo humor lascivo e ferino, mas também pelo estilo propriamente obscuro. Em suas obras, predominam personagens marginais, como os miseráveis, as prostitutas, os bêbados etc.

Quanto à linguagem, é primordial compreender a relação existente entre escritor e tempo histórico na literatura bukowskiana porque a interpretação da constituição de seus temas literários, bem como dos espaços representados e da personalidade que aflora em seus personagens são concebidos como marcas de sua posição e estabelece, nesse sentido, uma ação concreta frente ao discurso literário no tempo histórico em que viveu (LIMA, 2012).

*XV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online

1 Aos interessados, essas e outras informações biográficas podem ser encontradas em: https://www.ebiografia.com/charles_bukowski/. Acesso em: 25 jun. 2021.



De acordo com Fischer (2003), Bukowski foi um dos primeiros autores a misturar a vida pessoal, a literatura da sarjeta e uma imensa vontade de narrar as intimidades que, no geral, as pessoas sempre preferem esconder. Toda a sua trajetória foi marcada por uma sensibilidade à flor da pele, o que resultou numa carreira altamente radical e tortuosa pela poesia, posteriormente substituída pela prosa.

Autor de mais de 40 livros, Bukowski ficou famoso por descrever, de forma simples, mas exagerada, e, sobretudo, niilista, uma vida de alcoolismo, vagabundagem e sexo em romances como “Notas de um Velho Safado”, “Crônica de um Amor Louco” e “Cartas na Rua”, além de muitos outros (CAMPOS, 1994).

No romance “Factótum”, o objeto de estudo deste artigo, buscar-se-á analisar como se dá, na narrativa, a configuração das relações sexuais dos personagens sob à luz dos pressupostos teóricos de Bauman, em especial do conceito de modernidade líquida, tendo como uma de suas características a efemeridade nas relações pessoais.

É válido pontuar que não é somente nas relações pessoais dos personagens que apresentam características próprias de ideais líquidos – há, por exemplo, o caso das ocupações transitórias dos personagens. Neste trabalho, optou-se por analisar, unicamente, a esfera das relações pessoais/sexuais.

Metodologicamente, este estudo divide-se em dois momentos principais: no primeiro plano, explorar-se-á a temática da modernidade líquida, buscando entendê-la a partir de Bauman (1999a; 2001b; 2004c) e de Silva (2012); no segundo momento, apresentar-se-á como o conceito de modernidade líquida auxilia na compreensão do texto literário, demonstrando, por meio de excertos da obra, o contexto das relações líquidas às quais os personagens estão inseridos. Por fim, para a realização deste trabalho, utilizou-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico pautada em autores já citados anteriormente.

2 Modernidade e relações líquidas

Na contemporaneidade, parece que o ritmo acelerado das relações humanas tem gerado angústias e incertezas em sujeitos envoltos por contextos fugazes e impermanentes, tornando as conexões pautadas sob o ideal do individualismo e do consumo exacerbado. Para esse entendimento, Bauman (2001) apresenta a ótica da liquidez, que trata as relações humanas concebidas por mecanismos e características radicalizados e, às vezes, aprofundados, de modo que as (trans)formações em um meio coletivo social tornam-se uma espécie de companhia para o ser individual.

No cenário das sociedades humanas, de acordo com o filósofo, elas passam por estágios de radicalização no que se refere tanto à negação daquilo que se passou (o passado) quanto à reinvenção constante do que está ocorrendo (o presente). Isso acontece com o propósito de promover um aperfeiçoamento constante do homem e, também, de suas criações. Em busca desse entendimento da contemporaneidade, ou melhor, da modernidade, Bauman (1999) a compreende do seguinte modo:

Podemos pensar a modernidade como um tempo em que se reflete a ordem – a ordem do mundo, do habitat humano, do eu humano e da conexão entre os três: um objeto de pensamento, de preocupação, de uma prática ciente de si mesma, consciência de ser uma prática consciente e preocupada com o vazio que deixaria se parasse ou meramente relaxasse. (BAUMAN, 1999, p. 12)



Para o autor, aspectos como a aceleração do tempo e a transgressão dos limites do espaço, por exemplo, são características marcantes do que ele entende como sociedade contemporânea. Silva (2012), ao se debruçar sobre os pressupostos de Bauman, demarca que as transformações enfrentadas pela sociedade – na vida pública ou privada, em relacionamentos, em instituições etc. – é a modernidade líquida, isto é, trata-se de uma realidade que se modifica de modo acelerado e constante, uma vez que não é possível manter a mesma forma por muito tempo.

Isso significa que todas essas esferas da vida humana tornam-se cada vez mais aceleradamente um fenômeno da liquefação, pois se entende que a tangibilidade se fluidifica, assumindo, portanto, um estado líquido. Para tornar isso mais evidente, basta pensar que as relações humanas, na modernidade, estão envoltas de uma liquidez: não há mais sentimento (se há, não é de forma profunda e verdadeira, pois existe apenas carência e, quando saciada, logo é descartado) companheirismo (no sentido de não encontrar no outro uma espécie de porto seguro para as próprias dores, visto que, nesse cenário líquido, o relacionamento afetivo e íntimo não é o alvo), mas há uma total capacidade de substituição de pessoas em detrimento de outras.

Dentre todas as categorias da modernidade líquida, a individualização e o consumo são as que mais conferem ao sujeito uma liberdade sem precedentes de experimentar, e também a tarefa de enfrentar as consequências dessas escolhas. Todas as variedades que o mercado consumista e o mundo capitalista oferecem alimentam o desejo de multiplicidade individual, do “querer ser quem quiser”, querer viver a vida como puder, sem se ater a um estilo único, representar quantos papéis forem necessários em quantos palcos estiverem abertos para apresentações públicas. (SILVA, 2012, p. 344)

Essa maleabilidade, flexibilidade e/ou capacidade de se moldar é conferida às esferas dos relacionamentos humanos que são, constantemente, alvos de ‘derretimento’, de substituição/exclusão. Esse ideal se caracteriza por causa de ações precipitadas, de modo que se dissolvem e se desprendem de laços afetivos e sociais na medida em que as relações se configuram a partir da efemeridade, a partir de uma suposta liberdade, mas que, em contrapartida, só evidencia gradativamente a sensação de desamparo aos sujeitos inseridos numa modernidade líquida (SILVA, 2012).

A partir disso, a era da modernidade líquida em que os sujeitos vivem em um mundo superlotado de sinais confusos, propenso a mudanças rápidas e imprevisíveis, é fatal para nossa capacidade de amar – aqui entendido enquanto laços mais duradouros e contínuos – seja esse amor conduzido ao outro ou a nós mesmos (BAUMAN, 2004).

Assim, esses pressupostos teóricos podem ser observáveis nas mais variadas esferas da vida humana e, também, na literatura. A seguir, apresentar-se-á como as relações sexuais estruturadas no romance “Factótum” são líquidas, efêmeras e transitórias.

3 As relações sexuais em “Factótum” e a modernidade líquida

Antes de adentrar na análise, primordialmente, é necessário compreender – mesmo que de forma breve – a temática dessa obra. “Factótum”, segundo romance do escritor norte-americano Charles Bukowski, foi publicado em 1975. Nele, há o personagem Henry Chinaski, também protagonista de vários outros dos seus livros, sendo aclamado por muitos como um



dos mais célebres anti-heróis da literatura americana. Durante o período da Segunda Guerra Mundial, Henry fora considerado “inapto para o serviço militar”. Ao passo que os Estados Unidos se uniam em torno da guerra, os homens alistados eram concebidos como heróis. Chinaski, por outro lado, desempregado e sem perspectiva de trabalho, decide cruzar o país. Nessa empreitada, ele arranja diversos trabalhos, fazendo de tudo um pouco – daí o nome da obra ser “Factótum”, referência a um indivíduo que se dedica a variados ofícios.

O romance aborda, então, a vida desse personagem escritor frustrado e alcoólatra, e, além disso, narra as aventuras sexuais pelas quais o personagem protagonista passará em sua vida. Sua total capacidade de ser demitido de todos os empregos, mesmo aqueles iniciados a pouco tempo, bem como o cunho machista que trata sempre as mulheres, como um objeto que serve unicamente para o gozo, são características marcantes nesta obra. A linguagem é recheada de palavrões, narrada por intermédio de uma leitura fácil e informal, composta, majoritariamente, por parágrafos curtos.

Na narrativa, são várias as passagens perceptíveis como o protagonista, em suas relações sexuais, permanece envolto por momentos de sexo rápido e constante, até mesmo quando não foi ele quem procurou pelo sexo, como no caso mostrado abaixo em que uma prostituta adentra o quarto onde ele está e assume uma posição mais ativa, haja vista que esse momento pontual com essa mulher específica já aponta uma forma de relacionamento sem continuidade após o ato.

Na segunda noite, houve uma batida na minha porta. Era uma gorda já entrada nos quarenta. Trazia uma garrafa de vinho. – Moro num quarto do outro lado do corredor, me chamo Martha. (...) Martha entrou. Vestia uma espécie de bata verde e, depois de alguns copos de vinho, começou a me mostrar suas pernas. (...) Era uma prostituta. (BUKOWSKI, 2018, p. 28-30)

É constante a saída do personagem Henry com prostitutas. Acima, vê-se apenas um, de muitos exemplos, em que ele relaciona-se com mulheres que exercem essa atividade. Nota-se, também, o ideal de que ambos os personagens estão permeados por um contexto completamente efêmero, transitório, uma vez que sequer há a necessidade de um conhecer o outro, de uma conversa, até mesmo porque o sexo é unicamente o propósito de ambos. Esse caráter liquefeito nas relações humanas é ainda mais demarcado quando o personagem sai com Laura (sua atual amante) e suas amigas (Jerry e Grace).

Então ali estava eu, no maior iate do ancoradouro, com três mulheres. Porém fazia muito frio. Parecia subir da água. Desci do beliche, tomei um trago e me arrastei de volta para a cama. – Por Deus, está frio demais – disse Jerry. – Deixa eu subir aí pra me esquentar. Ela se livrou dos sapatos e veio se deitar ao meu lado. (...) Jerry era pequena e roliça, bastante roliça, um tipo aconchegante. Ela se colou em mim. (...) Coloquei minha mão na sua bunda e a beijei. (...) Meti minha mão debaixo de seu vestido e comecei a tirar sua calcinha. Era difícil. Quando ela se livrou da peça, eu já estava mais do que pronto. (BUKOWSKI, 2018, p. 65-66)

É válido lembrar que o protagonista havia ido até o ancoradouro com sua companheira Laura, contudo, ao chegar lá, envolve-se com Jerry às escondidas de Laura. Como se isso não bastasse, após Jerry ter saído da cama e ter se dirigido ao banheiro, Grace também afirma estar com frio e, nisso, decide subir à cama onde estava o Chinaski.

Grace subiu comigo. Ela era a mais alta das três. Nunca tinha estado na cama com uma mulher tão alta. Beije-a. Sua língua respondeu. (...) Meti a mão debaixo do seu vestido e lhe puxei a calcinha. (...)

– Que diabos você está fazendo? – ela sussurrou.

– Estou tirando a sua calcinha.

– Pra quê?

– Vou comer você.

(BUKOWSKI, 2018, p. 67)

Há uma celeridade nas relações sexuais submetidas pelo personagem principal. A efemeridade e a transitoriedade são características próprias de sua vivência, retrato de uma sociedade marcada pela liquidez das relações humanas, conforme Bauman salienta. O sexo é o mais importante, servindo apenas como uma válvula de escape para os próprios fracassos e insucessos que enfrenta tentando publicar seus livros, por exemplo, até mesmo em acontecimentos coletivos, como no caso acima em que as ‘amigas’ estavam. Não há, em nenhum momento, sinal de empatia pelas mulheres, uma vez que o próprio Henry, desde o começo da narrativa, já apresenta uma predisposição a dedicar-se exclusivamente ao sexo, sem deixar que a afeição o interrompa ou o atrapalhe para a formação de um desenvolvimento de relações mais concretas e estáveis.

Chinaski lida com a substituição de pessoas com bastante facilidade. Esse fenômeno efêmero e cada vez mais constante é uma das características da modernidade líquida, pois não há o intuito de se manter próximo a uma pessoa afetuosa, uma vez que é mais fácil descartá-la e buscar uma nova pessoa que o satisfaça para, em seguida, iniciar o processo de descarte novamente: como uma espiral infundável.

Ela era a secretária do gerente. Seu nome era Carmen. (...) Ela sabia rebolar, sabia mexer (...) A rapaziada de olho em cada movimento, em cada contração de sua bunda. (...) Levei-a até um dos transportes de carga que descarregávamos nos fundos do galpão e a peguei de pé, atrás de um desses caminhões. Foi bom, foi quente; (BUKOWSKI, 2018, p. 73)

Acima, ocorre a mesma inconstância que foi vista em momentos anteriores. Mesmo em ambiente de trabalho, o personagem encontra sempre um momento para se relacionar com as mulheres; neste caso específico, com a secretária do gerente. É interessante notar que, ao finalizar o ato sexual, o protagonista vai embora e segue fazendo o seu trabalho, como se aquilo nunca tivesse, de fato, acontecido.

Sabe-se que o sexo, ao menos para as sociedades mais arcaicas, era visto como um mecanismo com o intuito único de reprodução, uma vez que o prazer sexual era condenado pela Igreja Católica (DEL PRIORE, 2011). Todavia, na modernidade líquida, o sexo passou a ser concebido como um instrumento de prazer.

Essas relações humanas, nesse cenário líquido, tornam-se muito enfraquecidas. Não é à toa que Bauman utiliza o vocábulo ‘conexão’ ao invés de ‘relacionamento’, porque, de fato, o mais interessante para esses sujeitos modernos é o que se passa a desejar em sentidos quantitativos (em maior número), mas com superficialidade para poderem desligar-se a qualquer momento. Desse modo, tanto as amizades quanto os relacionamentos podem ser passíveis de substituição, significando, portanto, que podem ser desfeitos sem o sentimento de remorso e/ou culpa, conforme ocorre na obra aqui analisada.

4 Considerações finais

Em “Factótum”, observou-se que o personagem principal, Henry Chinaski, encontra-se amplamente inserido em mecanismos que configuram uma modernidade líquida: todos os seus relacionamentos pessoais que envolvem o sexo são bastante efêmeros, tendo em vista que o personagem relaciona-se com pessoas diferentes sem, de fato, tentar familiarizar-se.

Ele possui facilidade em dispensar pessoas para se relacionar brevemente com outras. Esse movimento acelerado de conhecer pessoas representa uma característica singular do que se entende por relações líquidas, pois não há mais o interesse em saber quem o outro é, mas apenas um objetivo principal – neste caso específico, o ato sexual.

Percebe-se, então, que as configurações das relações sexuais dos personagens são marcadas por estágios momentâneos dos sujeitos, uma vez que, em grande parte da narrativa, abarcam o sexo em sua totalidade como o último objetivo de conhecimento do indivíduo, haja vista que, para os personagens, isso é o mais importante.

Isso implica a construção de relações sociais e pessoais bastante frágeis em sua composição, fugazes e maleáveis, assim também como os líquidos, ocasionando, dessa forma, uma espécie de fragilidade de um laço sentimental e/ou afetivo entre pessoas e/ou instituições.

Por fim, é justamente desse modo que a narrativa de Bukowski começa e termina a sua trama: com personagens cujos comportamentos são completamente momentâneos e transitórios, de modo que em nenhum momento há ligações e/ou conexões duradouras uns com os outros, como sentimentos ligados ao amor, à empatia e ao respeito; muito pelo contrário, pois eles encontram-se envoltos por uma modernidade líquida a que Bauman tanto se refere.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: JorgeZaharEd., 2004.

BUKOWSKI, Charles. **Factótum**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

CAMPOS, José Roberto. Morre Bukowski, escritor da marginalidade. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 de março de 1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/3/11/mundo/10.html>. Acesso em: 25 jun. 2021.

DEL PRIORE, Mary. **História íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FISCHER, Luís Augusto. A linguagem da sarjeta nos poemas diretos e cativantes de Bukowski. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 de junho de 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm3006200319.htm>. Acesso em: 25 jun. 2021.



LIMA, Marcus Vinicius Santana. Quando um carteiro se torna escritor: representações, práticas e apropriações na obra literária de Charles Bukowski. **In: Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar**, Universidade Federal do Piauí – UFPI, 2012.

SILVA, Débora. A modernidade líquida na ciberpoesia de Antero de Alda. **Texto Digital**, v. 8, n. 2, p. 337-360, 2012.

